

Robert Mapplethorpe e Nobuyoshi Araki: considerações acerca de alusões a práticas sadomasoquistas na arte.

Juzelia de Moraes Silveira/ *UFSM*
Ayrton Dutra Corrêa/ *UFSM*

Resumo

O presente artigo é oriundo da dissertação intitulada "Robert Mapplethorpe: diálogos e olhares sobre a sexualidade na arte contemporânea", realizada no Mestrado em Artes Visuais da UFSM e possui como principal objetivo tecer apontamentos acerca da utilização do sadomasoquismo como mote para produções artísticas. Neste sentido, faz-se pertinente a alusão à obra de Robert Mapplethorpe, devido à sua intensa pesquisa acerca da sexualidade e pela ênfase dada ao tema em sua obra. Deste modo, busca-se sugerir o diálogo entre obras de Robert Mapplethorpe e Nobuyoshi Araki a fim de pensar de que modo tal questão é abordada na arte.

Palavras-Chave: Robert Mapplethorpe; Nobuyoshi Araki; sadomasoquismo, arte.

Abstract

This article comes from the Master Academic Work entitled "Robert Mapplethorpe: dialogues and look about the sexuality in the contemporary art", realized during the Master degree in Visual Arts from UFSM and it has as principal objective to make notes about the sadomasochism as base for artistic productions. In this sense, it is important to mention the work of Robert Mapplethorpe in reason of his intense research about the sexuality and the emphasis given to this subject in his work. Thus, this article search suggest the dialogue between the works of Robert Mapplethorpe and Nobuyoshi Araki to promote the reflection about how this question is presented in the art.

Key words: Robert Mapplethorpe; Nobuyoshi Araki; sadomasochism, art.

Apontamentos sobre a abordagem do tema na esfera social: repressão sexual e pre(con)ceitos morais.

Quando se analisa a abordagem da sexualidade na arte, inevitavelmente se passa por questões que tangem a repressão sexual, bem como os preconceitos gerados a partir de ditos "preceitos morais". Neste sentido, observamos a relevância de tecer uma breve análise sobre a constituição da repressão sexual e de preceitos morais de nossa sociedade a fim de observar como se constituem os olhares e questões apontadas pela arte acerca do tema da sexualidade e, sobretudo de práticas sexuais comumente percebidas como "desviantes" (LEITE JÚNIOR, 2006).

Deste modo recorreremos a Kant, devido a seus reconhecidos apontamentos acerca do juízo da moral, para traçar aspectos da construção de preceitos morais e de como estes foram determinantes no estabelecimento de concepções acerca da sexualidade.

Por meio dos estudos de Kant (BASTOS, 1987) pode-se traçar uma reflexão acerca da moral e de sua relevância na instauração de concepções no que tange à sexualidade em âmbito social. Para Kant a moral era definida pela pujança da razão sobre as ações humanas, onde a sensibilidade e as atitudes impulsionadas pelo prazer (compreendido aqui não apenas em seu caráter sexual) seriam totalmente estranhas às condutas morais. Desta forma, pode-se perceber que os instintos e, neste caso, sua ligação com a sexualidade, seriam contrárias à razão e, conseqüentemente, alheias à moral.

Percebemos de acordo com a teoria de Kant uma razão quase castradora, como se os desejos e instintos estivessem totalmente aquém à racionalidade, o que comumente é apontado no que diz respeito à sexualidade, como se esta estivesse limitada invariavelmente aos instintos, totalmente adversa à razão. É nesta questão, que por muito parece ancorado o preconceito em torno da sexualidade, quando esta nos leva a negação do atributo que nos garante a diferença (e superioridade) entre os animais: a razão.

Quando Kant discorre sobre a liberdade, a consciência e emprego individual da razão, mesmo quando estas são tomadas de acordo com considerações em relação ao outro, de certa forma parece ignorar que quando se colocam em jogo os desejos mais intensos, estes acabam por definirem uma concepção racional e, pensando por este viés, a sexualidade poderia ser utilizada como bem se entendesse, apenas tomando como princípio o respeito para com os demais indivíduos da determinada sociedade. Assim, o grande ponto fundamental da questão seria definido pelo binômio público/privado, questão amplamente investigada na arte contemporânea.

Retornando ao domínio da moral, percebe-se que não há como limitar os preconceitos que circundam a sexualidade a uma moral que julga-nos pela

resistência à utilização da razão, pois desde os tempos mais remotos a sexualidade esteve intrinsecamente ligada a questões políticas e freqüentemente marcada pelos interesses da Igreja. Por meio de uma concepção forjada, com propósitos bem definidos, a Igreja instaurou a culpa sobre o ato sexual, conferindo a determinadas práticas sexuais o aspecto pecaminoso.

Observa-se neste sentido a criação de atos repressores, de interditos - que segundo Bataille (1987) seriam forças contrárias aos impulsos sexuais - que ao serem colocados à sexualidade, acabam por definir e moldar aspectos "aceitáveis socialmente" quanto ao ato sexual. Deste modo, práticas sexuais não pertencentes ao domínio tradicional acabam por despertar olhares preconceituosos, bem como a incompreensão acerca de um desejo que pode se dar por meio de aspectos tidos como incomuns, como é o caso do sadomasoquismo, que aqui visa ser abordado.

Tomados pelo desejo natural de adequar-se ao sistema social do qual fazemos parte, acabamos por aderir ao sistema de regras que se coloca em que evidentemente a questão sexual se faz presente e parece concentrar grande parte da atenção na criação e sustentação de interditos. Observamos deste modo que sofremos o peso destes interditos e continuamos a reproduzi-los e incentivá-los.

Difícil crer que exista uma pessoa tão liberta sexualmente que não acabe por, em um ou outro momento, demonstrar algum preconceito em relação à sexualidade, ou acabe por estabelecer limites morais (mesmo que inconscientemente) ao ato sexual. Se por um lado a sexualidade se mostra inerente à raça humana, por outro o interdito sexual foi assimilado de modo tão eficaz que parece tão inerente quanto a sexualidade.

Entretanto a crítica freqüente aos padrões morais impostos pela sociedade (e neste sentido já parece um tanto questionável a imposição) é realizada como se pudéssemos nos abster do nosso papel na preservação destas regras e preconceitos. Coloca-se cada vez mais evidente as duas forças contraditórias que se apresentam constantemente, a luta entre o impulso e seu

regulador. Condutas contrárias à moral instituída são compreendidas como doências, mas sucumbimos constantemente a estas.

Encarados pelo ângulo da moral, as práticas e idéias sexuais que não se conformam aos padrões morais vigentes são considerados *vícios*, pois os seus contrários, os padrões são tratados como *virtudes*. O vício possui três sentidos principais. Em primeiro lugar, é disposição habitual para o mal (aproximando-se, neste caso, do pecado); em segundo lugar, é uma tendência ou impulso reprovável, incontrolável, decorrente de uma imperfeição que torna alguém incapaz de seguir sua destinação natural; é defeito (e, neste caso se aproxima da doença). Mas, em terceiro lugar significa *depravação* e neste terceiro sentido, vício é diretamente o sinônimo de gosto, ou prática sexual reprovados pela moral e pela sociedade. (CHAUÍ, 1984, p.118)

Deste modo, sob o olhar moral (este ao qual também acabamos por moldar) a sexualidade nos coloca muitas vezes como seres doentios, depravados. E com facilidade tocamos estas questões que nos caracterizam como seres desvirtuados que necessitam da vigilância constante das regras morais. Nas obras que serão abordadas a seguir, observamos o olhar de dois artistas acerca de práticas sexuais que são comumente observadas preconceituosamente sob o olhar moralista de nossa sociedade.

Pode a dor evocar o prazer?

Mário Perniola em seu ensaio sobre o real “A idiotice e o esplendor da arte atual”, afirmava corretamente o que parece constituir as premissas para a inserção de um novo paradigma da arte contemporânea, o qual diz respeito à questão da repulsa provocada por imagens produzidas na arte atual. Para Perniola “Quem só capta a abjeção na arte extrema, sem ver seu esplendor, fica prisioneiro de uma idéia ingênua do real.” (apud FABRIS e KERN, 2006, p. 317). Tal apontamento nos remete a uma significativa parcela de imagens que, por meio de um realismo a priori chocante, acabam por produzir nos espectadores asco, repulsa.

Não apenas o realismo observável nestas imagens, mas também a abordagem de temas que frequentemente não ultrapassariam a esfera privada acaba por despertar nos espectadores determinada provocação, posto que

tange o domínio da moral e indaga acerca de determinados conceitos e possíveis preconceitos.

Neste sentido parece fundamental mencionar a obra de Robert Mapplethorpe, visto que se trata de um artista significativamente reconhecido por suas abordagens provocativas e chocantes acerca da sexualidade. Na obra de Mapplethorpe vemos uma sexualidade que não ignora e sim, parece exaltar possíveis aspectos da sexualidade que comumente são rejeitados pela sociedade. Mapplethorpe nos sugere a possibilidade de prazer por meio de fontes aparentemente incomuns, como é o caso da sugestão sadomasoquista perceptível em muitas de suas obras.

Na obra de Robert Mapplethorpe as práticas sadomasoquistas foram largamente investigadas e abordadas como mais um dos inúmeros aspectos da sexualidade que se oferecia ao olhar do artista, que o desafiavam a encontrar um novo registro interessante e impactante. De acordo com Patricia Morrisroe (1996, p. 216) “Mapplethorpe nunca se interessara por meramente documentar a subcultura S&M, mas sim por trazer sua própria estética para se relacionar com cenas que muitas pessoas normalmente achariam sórdidas ou repugnantes.”

As práticas S&M despertavam o interesse do artista não apenas por apresentarem-se como atos criativos, mas, sobretudo por serem também imagens transgressoras, consideradas por muitos como pornográficas. Mapplethorpe compreendia bem o quanto tais características poderiam atrair a atenção do público. Ihe gerando visibilidade, todavia, isto de modo algum desmerece a qualidade evidente de suas obras.

Após uma intensa investigação sobre o sexo, Mapplethorpe já não se satisfazia mais com a captura de momentos do ato sexual. Sua nova busca se propunha a capturar a criatividade existente no ato (MORRISROE, 1996), podendo inclusive ser impulsionada por sensações que aparentemente distanciam-se da esfera sexual, como a dor.

Ao artista já não bastava mais um close intimidador da prática sexual um tanto mais tradicional, queria aspectos que parecessem mais incomuns e que

se apresentassem como criativos. “Não era suficiente que alguém chegasse ao orgasmo – ele queria que o orgasmo fosse produzido por algum ato “criativo”, como por exemplo, um cateter, ou uma agulha, introduzido no pênis.”(Morrisroe, 1996, p. 170).

Destarte, uma série de fotografias foi produzida sob esta perspectiva do ato sexual contendo entre estas fotografias *Bondage* (1974), mas o que se observa nesta obra, por mais chocante que possa parecer a um primeiro olhar, é uma beleza surpreendente conquistada por sua capacidade singular de criar uma atmosfera atraente por meio da luz e da estrutura formal de sua composição. Esta parece uma das características mais marcantes da obra de Mapplethorpe, a surpreendente capacidade de conferir ao repulsivo e ao polêmico uma atmosfera que beira o lírico.



Robert Mapplethorpe, *Bondage*, 1974. Fotografia.

Mapplethorpe acaba por lançar em suas fotografias um olhar sobre a cultura S&M (sadomasoquista) que consolidava-se em meados da década de 70, captando as mudanças de uma sociedade marcada pela moral cristã conservadora em que começavam a desvelar-se os contornos de subgrupos de norte-americanos que possuíam uma concepção moral diferente da vigente há séculos.

Tais grupos a princípio foram percebidos como anomalias da natureza humana e é fato que grande parte da população ainda possui tal concepção. Todavia é necessário admitir as significativas mudanças no decorrer da história da liberação sexual, bem como a consciência da perenidade de um sentimento legislador de condutas – a moral – como garantia desejada pelos indivíduos de um órgão regulador.

Contraditoriamente e, com efeito, o indivíduo entrega-se a um sistema em que opera sua liberação sexual freqüentemente às escondidas, ou apenas no plano imaginário e as reprime automaticamente devido a uma consciência entregue aos padrões morais da sociedade. Neste jogo de impulsos intensos e contraditórios ambos acabam por se intensificar, como se houvesse uma necessidade de apontar um vencedor.

Outra questão relevante a observar quanto ao caráter S&M de séries fotográficas de Mapplethorpe, bem como seu gosto por estas práticas em sua vida sexual, é o fato de que para muitos adeptos desta prática, a dor quando em sua extrema incidência, atinge o apogeu da percepção inversa. É a extrema dor que toca o mais sublime prazer.

Prazer e dor formam uma dupla surpreendente e suas relações são paradoxais. À medida que cresce e se faz mais intenso, o prazer roça a zona da dor. A intensidade da dor nos leva ao pólo oposto; uma vez tocado esse extremo, opera-se uma espécie de reversão e a sensação muda de signo. (PAZ, 1999, p. 64-65)

Efetivamente não percebemos expressões de dor na obra de Mapplethorpe. O que o artista parece registrar é justamente essa “reversão”. Quando nos remete à dor, na verdade o que parece ali se encontrar já é o atingir do prazer e isso possivelmente deve-se ao modo com que nos apresenta, com uma beleza que não se compreende exatamente como brota, imagens sadomasoquistas de maneira quase aprazível.

A mesma beleza ímpar atingida por Mapplethorpe no registro de “atos de violência”, referentes ao sexo, pode ser percebida na obra de Nobuyoshi Araki. Araki se utiliza com freqüência de uma das práticas do sexo também registradas por Mapplethorpe: o bondage¹.



Nobuyoshi Araki, Tokio Novelle. Fotografia, 1995

Observamos mulheres em posição de submissão, sugerida pela imobilização, como se estivessem ali colocadas à espera de sua “utilização”. Seminuas, desprotegidas e freqüentemente escondendo seus rostos, em um primeiro momento quase despertam a piedade dos que as observam.

Tratam-se de mulheres orientais, que culturalmente carregam consigo o estigma da submissão. No entanto, remetem-nos (senão nos fazem lembrar) que este é um estigma não apenas de mulheres orientais, mas uma condição que tradicionalmente se atribui às mulheres de qualquer etnia. Condição que reforça-se ainda mais quando a pensamos em analogia a questão sexual. Marcadas pela dessexualização imposta a elas culturalmente, as mulheres aparecem quase no mesmo patamar em que se encontram os homossexuais. Como se a elas não fosse permitido o prazer, ou como se não fossem desejosas dele.

Recorremos a Marilena Chauí a fim de observar origens da repressão feminina:

Lembremos apenas que durante um longo período (no passado de nossa sociedade) o termo sexo referia-se exclusivamente às mulheres – estas não tinham um sexo, *eram o sexo* (e, por isso mesmo, figuras por excelência do Mal e da busca desenfreada do prazer, amolecendo corpo e espírito dos homens guerreiros)

precisando ser controladas, punidas, vigiadas de todas as maneiras possíveis. Não é surpreendente então quando (...) descobrimos uma representação da feminilidade na qual as mulheres são assexuadas, frígidas, feitas para a maternidade e não para o sexo. (CHAUÍ, 199, p. 27)

Observa-se neste sentido que às mulheres não foi sugerido o desejo e o desenvolvimento sexual como algo saudável. Pelo contrário, a elas a sexualidade sempre foi sugerida como algo maléfico do qual elas mesmas eram responsáveis. Evidentemente percebe-se a formulação destas concepções sob o ponto de vista masculino.

Por mais que saibamos das inúmeras conquistas femininas em relação a sua independência, uma regra moral vigente por longos anos não se dissolve com facilidade, sobretudo quando ainda permanecem forças que insistem em mantê-la. Neste sentido a perene submissão feminina no que se tange à questão sexual parece evidente, sobretudo pela consciência de ainda vivermos em uma sociedade que, apesar das lentas mudanças, ainda se mostra significativamente ditada pelo poder masculino.

Deste modo observamos que o desejo feminino possui uma longa trajetória de descobertas a realizar e conflitos a dissolver. E neste sentido é interessante observar que este desejo pode ser derivado de um gosto pela submissão no ato sexual, sem que esta submissão reflita um desejo que ultrapassa e se coloca além da esfera sexual, caracterizando-se apenas em uma fantasia que se limita ao dado momento a que se apresenta.

Quando Araki sugere a prática do bondage, não parece exaltar a submissão desprovida de desejo e de direitos. Esta prática tem por princípio fundamental o consentimento da pessoa que é amarrada para que então seja colocada nesta condição. Deste modo, há que se concordar que ao contrário do que se pensa quanto à submissão, esta é possivelmente geradora de prazer. Em outras palavras, estas mulheres buscam na submissão, por elas consentida, sua libertação sexual e seu direito de escolha. Questão que parece extremamente pertinente visto que vivemos um momento marcado por mulheres que buscam sua independência e que, cada vez mais, encontram prazer colocando-se na posição de submissas.

Tocando o prazer e a beleza por meio da sugestão de dor.

Araki como Mapplethorpe, parece exaltar e estetizar a submissão. Como na obra de Mapplethorpe, não se percebe a dor em sua incidência, só espera-se por ela devido nossa percepção “pré-conceituosa” à subordinação. Suas modelos possuem, sim, uma beleza que se constitui na expressão de entrega. Não apenas a composição aliada à luz, elementos óbvios na obtenção da atratividade estética, mas os entrelaçamentos que se criam estabelecendo uma fusão entre corpo e amarras. E, de modo perceptivo bem particular, a beleza que se constitui pelo silêncio em que se encontram imersos os corpos.

Para Bataille

Se a beleza, cujo acabamento rejeita a animalidade, é apaixonadamente desejada, é porque nela a posse conduz à conspurcação animal. Nós a desejamos para maculá-la, para sentir o prazer de que estamos profanando-a. (BATAILLE, 1988, p.135)

Tal citação parece ilustrar claramente a obra de Araki, em que a beleza feminina, a sugestão da beleza contida em sua entrega parece impulsionar o desejo de violá-la. Na obra de Mapplethorpe também observamos a entrega do corpo à dor e prazer, contudo neste caso trata-se de um corpo masculino que entrega-se à submissão, que propõe-se à conduta frequentemente associada ao sexo feminino. Possivelmente obtendo olhares ainda mais preconceituosos acerca das imagens em questão.

Todavia parece inevitável, por maior que seja o impulso preconceituoso frente a estas obras, não ser tocado pela beleza que emana destas. Neste sentido a possibilidade de dor não apenas nos fala sobre o atingir do prazer, como acaba nos envolvendo na possibilidade de beleza contido nestes atos aparentemente incomuns da prática sexual. O que observamos na obras mencionadas são beleza e prazer encontrados na entrega aos desejos sexuais, na afirmação da sexualidade como fonte de prazer e não como algo carente de intensa vigilância moral.

Referências:

BASTOS, Fernando José Menezes. **Panorama das idéias estéticas no ocidente. De Platão e Kant.** Brasília, Editora: Universidade de Brasília, 1987.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo.** Lisboa: Edições Antígona, 1988.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual** – essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

FABRIS, Annateresa e KERN, Maria Lúcia Bastos (org). **Imagem e Conhecimento.** São Paulo: Edusp, 2006.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Das Maravilhas e Prodígios Sexuais:** a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.

MORRISROE, Patrícia. **Mapplethorpe.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

PAZ, Otávio. **Um Mais Além Erótico: Sade.** São Paulo: Mandarim, 1999.

Juzelia de Moraes Silveira: Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Bacharel e Licenciada em Artes Visuais, todos pela Universidade Federal de Santa Maria. Membro do Grupo GEPAEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura, diretório CNPq. juzeliamoraes@gmail.com

Ayrton Dutra Corrêa: Pós-Doutorado em Arte/Educação pela ECA - USP. Professor de Ensino de Artes Visuais no Centro de Artes e Letras, professor no Curso de Pós-Graduação em Design para Estamparia e no Programa de Pós-Graduação em Educação, todos pela UFSM. Vice-Coordenador Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade de Santa Maria. ayrcor@gmail.com

ⁱ O Bondage é uma prática sexual em que o prazer é oriundo da imobilização do parceiro amarrando-o frequentemente com a utilização de cordas. A prática do bondage não requer necessariamente a realização do ato sexual.